Sobre ‘Padrão’ e ‘Dependência’

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, o padrão e a dependência entre os MSS é total, ou completo. Já que **TODOS** os MSS receberam influência comum a partir do Texto Original, são as divergências que exigem atenção especial.

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, não pode existir dúvida razoável quanto à redação original. Isto provavelmente diga respeito a pelo menos 50% das palavras do NT. Quanto a muitas outras palavras, apenas um MS discorda – chamamos isso de leitura ‘singular’. Eu concordo com E.C. Colwell quando ele declarou que toda e qualquer leitura singular deve ser excluída de consideração, rigorosamente[1] – mesmo quando uma dada leitura não é um erro óbvio. É simplesmente desarrazoado imaginar que um MS solitário possa estar certo contra 1.700 nos Evangelhos, ou contra 700 em Paulo. Quando todas as linhas de transmissão estão de acordo, elas certamente refletem a leitura Original. Se o MS que contém uma variante singular pertence a uma linha de transmissão, essa variante não pode estar certa (é interna a essa linha).

MSS que são tão discrepantes individualmente que não podem ser agrupados, não pertencem a nenhuma linha de transmissão. Qualquer leitura singular que eles apresentam não pode estar certa. O número de MSS do NT é tão vasto que qualquer MS discrepante foi meramente a propriedade particular de alguém: é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Quando dois MSS, ou mais, concordam numa divergência, devemos fazer pelo menos três perguntas: 1) Foram produzidos no mesmo lugar? 2) É um erro de copiar fácil que copistas diferentes poderiam fazer independentemente? 3) Pertencem eles à mesma linha de transmissão? Quando dois MSS, ou mais, compartilham algumas variantes em comum, é provável existir alguma dependência: eles compartilham uma influência comum de algum tipo. O alcance de tal influência exige avaliação.

Colwell opinou que dois MSS deveriam concordar pelo menos 70% das vezes, havendo variação, para serem classificados como representantes da mesma família[2] [eu exigiria 80%]. Sendo que os códices Aleph e B concordam menos que 70% das vezes, eles caem abaixo do piso de Colwell. Dito isso, no entanto, não há como negar que aqueles dois MSS sofreram uma contaminação em comum, acompanhados, em graus diferentes, pelos códices A, C, D e W. Essa contaminação em comum teria de ter uma fonte; aonde? Dentro da disciplina da crítica textual do NT,

---

1 "External Evidence and New Testament Criticism", *Studies in the History of the Text of the New Testament*, ed. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 8.

2 “The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts,” *New Testament Studies*, IV (1957-1958).

essa contaminação em comum se chama de tipo de texto ‘alexandrino’. Sendo que a Alexandria se situa no Egito, esse tipo de texto é também chamado de ‘egípcio’. Cada um dos seis códices mencionados acima traz um aglomerado distinto de variantes; cada um é um tanto diferente de todos os outros. Já que nenhum deles tem pais ou filhos (que saibamos), eles são produções individuais, cópias fabricadas. Não temos como saber o que motivou cada um dos copistas que produziram essas cópias fabricadas. Contudo, a nossa ignorância a esse respeito não altera a natureza dessas cópias fabricadas.

Após eu ter divulgado uma versão anterior deste artigo, o Dr. Michael C. Loehrer me enviou algumas ideias sobre como produzir um ‘tipo de texto’ sem um arquétipo:

> Embora não possamos *saber* o que motivou os copistas a introduzir variações fabricadas no texto, podemos conjeturar o que os motivou a partir do lugar onde viviam e daquilo que criam. Eles viviam no Egito e detinham crenças gnósticas num mundo greco-romano. No mundo deles, uma mistura de crenças demonstrava respeito mútuo e uma disposição para promover paz, um de seus valores mais elevados. Judeus e cristãos criam que tal mistura diluía ou comprometia verdade absoluta. Gnósticos egípcios faziam por aonde melhorar um texto imperfeito. Judeus e cristãos criam que começaram com um texto perfeito. Portanto, judeus e cristãos procuravam fazer cópias fieis a seu exemplar. Gnósticos egípcios procuravam melhorar seu exemplar. Essas conclusões se baseiam em várias linhas de raciocínio:
>
> 1) No império romano não havia leis que protegiam direitos autorais, de sorte que no momento que um texto foi entregue ao público ficava vulnerável a alteração livre – qualquer um poderia fazer alterações.
> 2) Copistas gnósticos introduziam mudanças propositais porque criam que eles estavam melhorando um texto imperfeito (partiam da pressuposição de que todos os textos eram imperfeitos, por serem de produção humana).
> 3) Eles não criam que autoria divina e inerrância fossem possíveis num mundo material (a perfeição só existia no mundo imaterial).
> 4) Eles criam que eles detinham conhecimento especial, e com isso eles tinham uma obrigação de fazer por aonde aprimorar.
> 5) Eles criam que eles eram superiores (acadêmica e religiosamente) ao povo comum, os que tinham provido cópias inferiores previamente.
>
> Com isso, um tipo de texto egípcio mal definido foi produzido sem arquétipo por gnósticos egípcios que tinham uma cosmovisão muito diferente da dos judeus e cristãos que produziram o texto original. [Entendo que essas ponderações merecem consideração.]

Há muitos anos, Colwell demonstrou que é impossível definir uma forma arquetípica para o tipo de texto ‘alexandrino’, assim dito, baseado no voto dos MSS

participantes.[1] **Um tipo de texto sem um arquétipo é uma ficção**. Isso dito, no entanto, a contaminação em comum atribuída à Alexandria não é uma ficção. Antes de morrer, Kurt Aland, aquele grande campeão do texto 'egípcio', escreveu que em 200 d.C. a presença e a influência gnósticas no Egito eram tão maciçamente difundidas que os manuscritos no Egito não eram confiáveis![2] Ele escreveu também que naquele tempo o uso de grego no Egito estava se acabando.[3] (Com que base, então, afirmava ele que o texto 'egípcio' era o melhor?

Baseado nas evidências objetivas disponíveis a nós, eu diria que a produção de MSS na Alexandria e arredores nunca passou de um remanso estagnado à margem do grande rio da transmissão do NT. Os MSS sobreviventes, supostamente produzidos naquela região, são tão discrepantes, individualmente, que não perfazem uma linha de transmissão. Já que temos os nomes de pelo menos onze 'denominações' gnósticas no Egito em 200 d.C., certamente não faltavam cópias fabricadas entre eles. A antiguidade de uma cópia fabricada não altera o fato de ser ela uma cópia fabricada! Uma cópia fabricada é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Frederik Wisse cotejou e comparou 1.386 MSS para Lucas 1, 10 e 20 (três capítulos inteiros); ele reduziu esses MSS a 37 grupos (famílias), além de 89 MSS tão discrepantes que não podiam ser agrupados.[4] Sucede que 36 dos 37 ficam dentro do largo rio bizantino de transmissão. Ele identificou 70 subgrupos dentre os 36, transparecendo que ele se julgou capaz de definir tais relacionamentos, baseado nos perfis. O grupo 37 é o 'alexandrino', ao qual ele designou exatamente 10 MSS para os três capítulos – 10 entre 1.386, justamente o que poderíamos esperar de um remanso estagnado. Wisse utilizou padrão e dependência.

Herman C. Hoskier cotejou uns 220 MSS para o Apocalipse inteiro, e os distribuiu entre nove famílias, ou grupos, baseado nas suas afinidades.[5] Para o propósito da discussão que segue, vou designar esses grupos com letras: **a** até **i**. O aparato crítico de meu Texto grego (Família 35) para o Apocalipse, baseado nos cotejos de Hoskier, trata uns 954 jogos de variantes. Fiz uma contagem rápida de todas as divisões internas nos nove grupos, como apresentadas no meu aparato (para meu proposito aqui, exatidão não é necessária). Agora alisto as famílias pela ordem decrescente de número de divisões:

---

1 "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts", *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87.

2 "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

3 K. and B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), pp. 52-53.

4 *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

5 *Concerning the Text of the Apocalypse*, 2 vols. (London: Bernard Quaritch, 1929).

e—495
i—424
h—412
a—268
g—191
d—163
b—135
f—104
c—20

O total é de 2.212, o que dá uma média de 2,3 por jogo de variantes! Por estranho que possa parecer, apesar de toda a confusão, cada um dos grupos tem leituras particulares em número suficiente para permitir identificação. Os primeiros três apresentam divisão em torno de metade das vezes; deve ter havido bastante comparação e mistura. O grupo **a** é de longe o maior, e Hoskier identificou cinco subgrupos dentro dele, de sorte que o número elevado não deve nos surpreender. O número para o último, **c**, é muito pequeno, comparado com os outros. Acontece que o grupo **c** é a minha Família 35, e talvez seja o segundo em tamanho. Quero analisar a questão: o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências já apresentadas?

Mas primeiro, quero analisar as divisões da Família 35. Existem onze números que podem ser tanto escritos por inteiro ou representados pelas letras correspondentes; como são duas maneiras de dizer a mesma coisa, não são variantes, e não os alistei. Nove são grafias alternadas da mesma palavra; alistei eles, sim, mas não são propriamente variantes (para oito delas a diferença é de uma letra, e a outra é ditongo). Isso deixa onze variantes de fato, cinco das quais envolvem só uma letra, e três um ditongo; apenas uma envolve mais que duas letras. Enfim, a família 35 é muito sólida (internamente coerente), muito mais do que quaisquer dos outros grupos. As variantes de fato envolvem apenas 19 letras para todo o livro de Apocalipse – impressionante!

O que nos dizem padrão e dependência a respeito das evidências apresentadas acima? Começo com os postulados seguintes:

1) Quando 100% dos MSS conhecidos concordam, o padrão e a dependência entre os MSS são totais.
2) Todos os MSS receberam influência comum do Texto original.
3) Todas as variantes singulares devem ser excluídas de consideração, rigorosamente.
4) Qualquer MS idiossincrásico simplesmente foi a propriedade particular de

alguém, uma cópia fabricada; é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

5) Fragmentos não preservam uma quantidade suficiente de texto para permitir classificação, e assim como os MSS idiossincrásicos, são irrelevantes para a história da transmissão do Texto.[1]

Já que todos os MSS conhecidos dos primeiros cinco séculos (para o Apocalipse) são ou fragmentos ou idiossincrásicos, vou limitar a minha análise às linhas de transmissão.

Para começar, Hoskier utilizou padrão e dependência para identificar seus nove grupos. Mas obviamente eles todos não podem representar a redação original, exceto quando todos concordam. Será que os nove grupos são independentes, ou podem alguns dos grupos serem agrupados? Verifiquei o meu aparato crítico e alistei todas as combinações diferentes entre os nove grupos, junto com o número de vezes que cada combinação ocorreu (combinação de dois grupos, ou mais). Encontrei **238** combinações diferentes!! Alistei somente grupos inteiros (não as divisões) exceto que tomei 2/3 ou mais como representando o grupo completo. Devido à quantidade exagerada de confusão, as estatísticas que ofereço não passam de uma aproximação aproximada, mas elas são boas o suficiente para permitir conclusões defensáveis. Contudo, 96 das combinações ocorrem só uma vez, e outras 42 só duas, de sorte que não as inclui no quadro que segue. Mas isso ainda deixa cem!

É um prazer notar que o recente *Text und Textwert* para o apocalipse (2017) reconhece o texto '*Complutensian*' deles como sendo uma linha independente de transmissão, fazendo companhia aos seus textos '*Koinê*' e '*Andreas*', assim chamados. O *Complutensian* deles é a minha família 35; corresponde ao grupo **c** abaixo. O *Koinê* deles corresponde aos grupos **a**,**b**,**f**,**g**,**i** abaixo. O *Andreas* deles corresponde aos grupos **d**,**e**,**h** abaixo – bem, isto é, segundo a minha avaliação. Como podem ver a seguir, há bastante 'promiscuidade', os grupos se movimentam, uns mais que outros. O caso mais difícil é de **h**, que acompanha *Koinê* quase o mesmo tanto que acompanha *Andreas*.

Baseado na minha análise de Hoskier, os grupos têm o tamanho que segue: **a** é representado por 65 MSS; **b** por 10; **c** por 33;[2] **d** por 15; **e** por 31; **f** por 11; **g** por 9; **h** por 13; **i** por 11. (**a** sozinho é maior que **b**,**f** **g**,**i** juntos.) (**d** é menor que **e**, mas **e** é de longe o grupo mais fragmentado.)[3] Sendo que considero que o grupo **c** é o

[1] Contudo, tanto fragmentos como MSS discrepantes demonstram que quaisquer variantes que eles contêm existiram no tempo em que foram produzidos. Eles demonstram existência, não valor.

[2] Eu já acrescentei 10 MSS aos 33, baseado na pesquisa que eu mesmo fiz no INTF (Münster, Alemanha). Dos 43, um é um mero fragmento, mas ele contém a primeira leitura diagnóstica da família.

[3] Eu devo mencionar que Hoskier cotejou outros 14 MSS que eu não inclui nos nove grupos (por motivos variados). Se esses não pertencem a nenhuma linha de transmissão, nem compõem juntos um grupo

denominador comum, o coloco primeiro; **a** lidera o *Koinê* e **d** o *Andreas*. Só alisto combinações; cada grupo ocorre sozinho também.

ca—10	cbdeg—5	ab—3	bd—9
cabdfgi—15	cbdegh—11	abdefghi—11	bde—12
cabdfi—3	cbdeh—6	abdfghi—10	bdeh—12
cabefgi—4	cbdfhi—3	abdfgi—4	bdf—4
cabf—5	cbefghi—3	abdfh—3	bdh—3
cabfg—8	cbegh—4	abefghi—4	be—7
cabfghi—28	cd—22	abefhi—3	beh—4
cabfgi—47	cde—49	abf—23	bf—4
cabfhi—7	cdef—13	abfg—15	bg—3
cabfi—13	cdefghi—3	abfgh—3	bh—5
cabghi—3	cdefhi—3	abfghi—20	
cadfghi—4	cdeg—11	abfgi—33	de—52
cadfgi—5	cdegh—14	abfh—4	def—8
caf—9	cdeghi—4	abfhi—8	deg—5
cafg—6	cdeh—32	abfi—17	degh—8
cafgh—5	cdehi—7	abgh—3	deh—25
cafgi—24	cdg—3	af—19	dei—3
cafhi—3	cdh—7	afg—15	df—6
cafi—5	ce—10	afghi—9	dg—3
cag—4	cef—4	afgi—7	dh—19
caghi—6	ceg—3	afh—5	
cb—5	ceh—5	afhi—3	eg—5
cbd—4	cf—4	afi—14	egh—3
cbde—15	cg—5	ag—19	eh—11
cbdefghi—3	ch—3	agh—5	
cbdefhi—6		agi—3	gh—4

Favor de lembrar que não alistei 138 combinações outras que ocorrem só uma vez ou duas. A quantidade de mistura é atordoadora. Apesar de tudo isso, durante os últimos 80 anos, pelo menos, prevalece dentro da disciplina a 'verdade falaz' de que o grupo *Complutensian* seria um composto baseado nos grupos *Koinê* e *Andreas*. Mas será que essa ideia 'bate' com as evidências apresentadas? **c** ocorre em nada menos que 129 combinações com outros grupos, sem falar das vezes que fica sozinho. Contudo, raramente fica totalmente só; um apanhado aleatório de outros MSS o acompanham; mas a lista de tais MSS é sempre diferente (se a lista fosse a mesma, tais MSS fariam parte da família). A incrível variedade de associações não relacionadas permite duas conclusões: 1) os MSS que representam o grupo podem ser identificados e separados, dando-nos uma família definida empiricamente;

separado, são irrelevantes.

2) essa família empiricamente definida **tem de ser independente** de todas as outras linhas de transmissão.

Então, o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências? Eles funcionam em dois níveis: dentro de um grupo e entre grupos. Dentro de um grupo eles definem o nível de consistência, ou coerência interna, exibido por esse grupo. Assim, entre os nove grupos no apocalipse, **e**, **i** e **h** exibem a confusão interna maior, o que reduz a credibilidade deles enquanto linhas de transmissão. **a** é grande, mas tem cinco subgrupos; sem os subgrupos ele cai de 65 para 18 MSS – os cinco subgrupos, junto com confusão interna a mais, reduz a sua credibilidade enquanto linha de transmissão. Contrastando com os demais, **c** é muito sólido, internamente consistente ou coerente – o padrão e a dependência internos são pesados, o que aumenta a credibilidade do grupo, enquanto linha de transmissão.

E que fazem eles entre grupos? É o nível comparativamente alto de padrão e dependência que permite que agrupemos **a**,**b**,**f**,**g**,**i** e digamos que juntos eles compõem um tipo de texto (podemos chamá-lo de *Koinê*). Tudo isso aplica-se também a **d**,**e**,**h** (podemos chamá-lo de *Andreas*). Contrastando com esses oito, **c** é independente de todos eles, demonstrado pela falta de padrão e dependência. **c** e *Koinê* concordam contra *Andreas* mais de 100 vezes, ao passo que **c** e *Andreas* concordam contra *Koinê* mais de 100 vezes também. O rol completo de *Koinê* e *Andreas* juntos concorda contra **c** apenas onze vezes. Eu entendo que a explicação mais razoável para as evidências apresentadas é que **c** é o denominador comum; é o âmago da transmissão do qual todos os outros se desviaram, em momentos e maneiras diferentes.

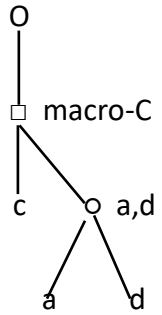
Pois então, o que padrão e dependência nos dizem? Eles permitem que identifiquemos grupos, ou famílias, de MSS. Eles também definem o nível de consistência interna de cada grupo. A falta de padrão e dependência permite que identifiquemos linhas independentes de transmissão. Todos os MSS receberam alguma influência em comum da forma original, mas é evidente que linhas independentes de transmissão não podem representar a redação original no mesmo nível. Assim sendo, que havemos de fazer quando confrontados por várias linhas tais? Ou, para ver um caso concreto, como podemos escolher entre *Koinê*, *Andreas* e *Complutensian* no Apocalipse? Se seguirmos dois contra um, teremos um texto 'majoritário' – por alto eu diria que tal texto será pelo menos 90% *Complutensian* (porque fica sozinho poucas vezes).[1] (Do meu ponto de vista, aquilo seria um Texto muito bom!)

Não existe sequer uma divisão tríplice clara no livro inteiro, e somente um caso que

[1] Só para constar, a edição *TuT* já mencionada utiliza uma "maioria relativa". Eles chegaram a essa "*Mr*" por acrescentar a NA^{28} como sendo uma quarta linha de transmissão, mas também usaram considerações 'internas'. Eles seguiram *Koinê* 98 vezes, *Complutensian* 95 vezes, *Andreas* 79 vezes e NA^{28} 41 vezes (extraídas de doze combinações). Eles seguiram *Koinê* sozinho onze vezes, a única linha assim contemplada.

poderíamos dizer que chega perto (em 15.4). O que nos diz a falta de divisão tríplice? Nos diz que os três grupos **não** são igualmente independentes. Nos diz que o *Complutensian* é o mais independente dos três – quer dizer, independente dos outros dois! Já que todos os três dependem do Original em algum grau, haveria como determinar qual dos três é o mais dependente, e portanto o mais próximo do Original? Se as evidências apontam para o *Complutensian* como sendo o denominador comum, então os outros dois dependem dele, pelo menos em parte. Isso significa que o *Complutensian* se posiciona entre eles e o Original, e portanto é o mais próximo do Original.

Sim, mas que fazer com os poucos casos onde *Koinê* e *Andreas* concordam contra *Complutensian*; conseguiriam ter dado uma 'volta por cima' e ter apelado diretamente ao Original? [Aliás, como seria sequer possível isso?] Ou fizeram escolhas caprichosas, consultando um exemplar diferente do *Complutensian*? Tal exemplar seria um 'nodo' (ponto de bifurcação) acima de *Koinê* e *Andreas*, já que eles se separaram depois. [Isso, pelo menos, seria possível, imagino.] Mas, e se *Complutensian* representa o Original corretamente? Então poderíamos ter uma 'árvore' parecida com esta:



Reconheço que a decisão final de alguém será guiada por considerações além de padrão e dependência. Mas precisamos de padrão e dependência para nos levar a essa decisão final.